

**a m o r**

**TÍTULO:** Amor

**AUTOR:** Mário António

Capa: Henrique Abranches 58

1.<sup>a</sup> Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1960

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.<sup>a</sup> Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.<sup>a</sup> edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 379/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

M. ANTÓNIO

**a m o r**

*poesias*

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO  
*LISBOA*

## DO AUTOR

*Poesias*, Lisboa, 1956.

*Poemas & Canto Miudo*, Sá da Bandeira, 1960.

## VERSOS EM:

*Távola Redonda*, Lisboa, 1952.

*Mensagem*, Luanda, 1952.

*Cultura*, Luanda, 1959.

## COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

N.º 1 — *Amor*, por M. António

## NO PRELO

N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, de Luandino Vieira

**A M O R**



**s o n e t o**

Não invoquei o sonho para amar-te.  
Não te mudei o nome nem a face  
nem permiti que nada transformasse  
minha imagem de ti em forma de arte.

Não te menti em nada. Para dar-te  
a imagem do que eras (Um enlace  
perfeito e harmonioso é o que dá-se  
entre quem és e o esforço de cantar-te)

só deixei que os meus olhos te mostrassem  
como o fundo de um poço ou como chama  
onde secretas imagens perpassassem

as estrelas e as flores, o fogo e a lama  
todo o mudo pudor que nunca há sem  
os olhos destruídos de quem ama.



## **a construção do amor**

1.

Ficará como a seta ou como o raio  
Aconteceu como um vulcão de súbito  
De súbito irrompeu em lava ardente  
silêncios

maremotos  
solidificações.

A imagem que procuro  
foi só breve momento                      instante breve

irrepetível criação.

Fósseis os versos  
a memória não garante o sinal das queimaduras.

2.

Acarício a lembrança insustentável  
Modelo-a pouco a pouco na carícia criadora dos  
[dedos necessários  
Passa a lava o vulcão o tacto destruído  
Recrio-a pétala e seda      flor e pluma  
A memória desperta ao doce afago.

3.

Vem para mim com o seu nocturno véu

Intacteável rochosa solene eternizada

Nada consente ao gesto do Poeta

Ei-la que voa despetalada e exangue

— Viens, colombe, pousa sobre os meus

[dedos-galhos

— Viens, colombe, arrulha para os pombos que em

[mim guardo

— Viens, colombe, aduba com as tuas fezes este

[chão de Poesia

Que sobre ele cresça a massambala

e sobre ela cantem os pardais

na primavera construída.

— Viens, colombe!

4.

Não construí sobre a memória traiçoeira  
Em cada músculo o peso duma flor:  
Que ela venha e arranque  
côr por côr  
e passe a sua mão cicatrizante.

Um cheiro de resina vem e envolve  
Tudo o que é sonho e tudo quanto é vida.

O seu odor profundo me liberta.

## **d o i s m o m e n t o s**

1.

Há gente no caminho onde seguimos  
Havemos de pôr sonho em tudo isto?  
Entre o que vemos tudo é já-visto  
É velha fé cansada o que sentimos.

2.

Embora o encontro seja fugidio  
deserto o maximbombo a esta hora  
e só te mostre o acaso ao meu olhar vadio  
Quero fazer do instante a vida em fora.



## **sob as acácias floridas**

1.

Com novembro a chiar nestas cigarras  
as acácias sangrando suas flores  
e um sol afirmativo num céu alto

Espero a tua carta e a minha vida

Uma pausa do tempo em minhas mãos  
preenchida  
pela contagem das horas  
nas cigarras e pétalas caídas.

2.

A rua corre larga e sossegada

É a hora de tu vires!

Tu vens (eu sei) na moldura vesperal

com esta luz do passado nas paredes

e este céu de altocúmulos de dezembro.

Com os estames d'acácia

jogo a vida nas sortes infantis

«Antera cai? Não cai? Ela virá? Não vem?»

E a cada sorte recuso a evidência

«Ela virá? Não vem?»

É a hora de chegares!



3.

Os aros dos meus óculos te emolduram

ó Vénus de cabelos desfrisados!

Enquanto as minhas mãos, cegas, procuram  
o cofre dos teus seios apertados.

Construímos assim a primavera

— a negada primavera dos amores:

Pega uma flor d'acácia para a pores  
no meu cabelo indómito de fera.

Repara e vê a doce realidade:

os nossos jogos simples e ingénuos!

Esta soalheira vespertina hoje é-nos

Bela imagem da nossa felicidade.

4.

Cigarreio sem sol neste dezembro.

E um céu da côr da angústia que me dá  
a tua ausência em carne e em pensamento.

Magoa-me o teu rosto que não lembro  
e o teu vestido branco tafetá  
que voava batido pelo vento.

Se esta vida tão clara e simples fosse  
como a imagem fixada desse instante  
nenhum mal me faria esta chuva precoce.

Chuva, mãe dos poetas, minha amante,  
lava às acácias o sanguíneo canto,  
cala a voz das cigarras e o meu pranto!

## como te reencontro

1.

Quando nos encontrámos  
era já muita a dor em nossos rostos  
os olhos duma dureza imóvel  
e os gestos determinados.

— Onde ficara a alegria, meu amor?  
Onde a ingénua mobilidade  
dos olhares e gestos espontâneos?

Havia apenas uma riqueza oculta:  
Escondida, vinha connosco a mágoa  
de duas criancinhas maltratadas.

2.

Quanto tempo levámos para nos encontrarmos!

Na tarde clara tento perscrutar

todo o longo caminho que andámos separados,

Todos os ventos norte e sul e leste e oeste

que traçaram caminhos no teu facies

Todos os gritos loucos que feriram

a carne sensitiva do teu peito

Todas as marés altas que afogaram

soluços que nasciam da tua alma

E não encontro resposta. E me entristeço.

3.

Componho a tua vida dos elementos  
que ainda trazem sorrisos aos teus lábios...

Comemos maçãs-da-Índia e maçarocas

Conversamos com o vento e a maresia

Combinamos passeios com micondos

e bananas sakala em tua saca

No poço fundo da infância te reencontro!



## **o h e n d a i x a l a**

A loucura tocou as nossas mãos.  
Súbitas luzes passam nos teus olhos.  
O excessivo pudor nos aproxima:  
Riqueza dos segredos revelados!

Não importa a incerteza e o impossível:  
Deles e nós, conscientes, nos sorrimos.  
Para além do momento, nós sabemos:  
O amor ficará — O HENDA I XALA.





# ÍNDICE



SONETO (-III-1956) .....	7
A CONSTRUÇÃO DO AMOR. (16-IX-1956) .....	9
DOIS MOMENTOS (-X-1954) .....	13
SOB AS ACÁCIAS FLORIDAS	
— 1 (25-XI-1956) .....	15
— 2 (18-XII-1956) .....	16
— 3 (14-XII-1956) .....	17
— 4 (15-XII-1956) .....	18
COMO TE REENCONTRO (5-VI-1957) .....	19
O HENDA I XALA (26-I-1957) .....	23









